



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
COORDENAÇÃO DE PEDAGOGIA

MARICELIA ALVES DE LIMA

A AVALIAÇÃO NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM
NA VISÃO DOS ALUNOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E
ADULTOS

GUARABIRA – PB
2012

MARICELIA ALVES DE LIMA

**A AVALIAÇÃO NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM
NA VISÃO DOS ALUNOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E
ADULTOS**

Artigo apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba – Campus III – Guarabira, em cumprimento dos requisitos necessários para obtenção do Grau de Licenciatura em Pedagogia sob orientação da Professora Ms. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira.

**GUARABIRA – PB
2012**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

L732a

Lima, Maricelia Alves de

A avaliação no processo de ensino aprendizagem na
visão dos alunos da educação de jovens e adultos /
Maricelia Alves de Lima. – Guarabira: UEPB, 2012.
25f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Pedagogia) – Universidade Estadual da Paraíba.

“Orientação Prof. Ms. Mônica de Fátima Guedes de
Oliveira”.

1.

Educação de Jovens e Adultos 2. Avaliação
3. Aprendizagem I. Título.

22.ed. CDD 374

MARICELIA ALVES DE LIMA

**A AVALIAÇÃO NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM
NA VISÃO DOS ALUNOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E
ADULTOS**

Aprovada em 18 de maio de 2012

BANCA EXAMINADORA



Prof^ª. Ms. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira - UEPB
(Orientadora)



Prof^ª. Ms. Silvania Lúcia de Araújo - UERN
(Examinadora)



Prof^º Ms. José Otávio da Silva - UEPB
(Examinador)

**GUARABIRA – PB
2012**

Dedico este trabalho a Deus, principal responsável por esta vitória, a minha filha Ana Mércia razão da minha vida, a Severina de Andrade e Luiz Alves que me deram a vida e a meu querido esposo Josivaldo de Lima.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me permitido ingressar e concluir este curso.

A Nossa Senhora, que sempre intercedeu por mim a seu filho Jesus.

A minha mãe, aquela que é a minha melhor amiga, um presente dado por Deus, que me apoia a cada decisão, que acredita em mim, está do meu lado vivendo comigo minhas alegrias e minhas decepções e enfrenta um batalhão para me ver feliz.

A minha preciosa filha, Ana Mércia, que soube pacientemente esperar pela sua mãe quando estava ausente e que me motivou ainda mais a me esforçar.

Ao meu esposo, Josivaldo que tanto amo, que sempre se fez presente e soube me apoiar em cada momento, acreditando no meu melhor, e me motivando a fazer o melhor.

Aos demais familiares que, de alguma forma contribuíram pra que eu concretizasse o sonho de me formar em Pedagogia.

A minha orientadora, a Professora Mônica de Fátima, que sempre me incentivou e que me ajudou com muita dedicação a concluir este curso.

A todos os professores que compartilharam as angústias, dúvidas e alegrias e que assim me ensinaram algo mais.

Aos meus colegas e amigos do curso de Pedagogia, Jussara, Marizete, Edna, Pricila, Alesxandra.

O meu muito obrigada!

MARICELIA ALVES DE LIMA

**A AVALIAÇÃO NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM
NA VISÃO DOS ALUNOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E
ADULTOS**

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo principal discutir a avaliação no processo de ensino aprendizagem especificamente na Educação de Jovens e Adultos, aonde a concepção avaliativa vai além de um simples conceito, ela é vista como responsável pela exclusão daqueles que não conseguem ser bem sucedidos. A presente pesquisa foi constituída através de uma investigação teórica acompanhada de campo, onde foram analisados os fatores que os educadores levam em consideração ao realizarem a avaliação, como também as concepções empregadas, os instrumentos utilizados e as funções avaliativas. Autores como: Luckesi (2010), Piletti (1997), Romão (1998) e Silva (2003), entre outros, embasaram essa minha pesquisa. Com esse estudo pretendemos contribuir com a prática avaliativa, tendo em vista o crescimento dos alunos da Educação de Jovens e Adultos.

PALAVRAS-CHAVE: Avaliação, Aprendizagem, Educação

MARICELIA ALVES DE LIMA

**A AVALIAÇÃO NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM
NA VISÃO DOS ALUNOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E
ADULTOS**

ABSTRACT

This article aims to discuss the main assessment in teaching and learning process specifically in Youth and Adult Education, where the design of evaluation goes beyond a simple concept, it is seen as responsible for the exclusion of those who can not be successful. This research was made through a field theoretical investigation followed, which analyzed the factors that educators take into consideration when conducting the evaluation, as well as the concepts employed, the instruments used and evaluative functions. Authors such as: Luckesi (2010), Piletti (1997), Romao (1998) and Silva (2003), among others, embasaram my survey. With this study we intend to contribute to evaluation practice, given the growth of students of Youth and Adults.

KEYWORDS: Assessment, Learning, Education

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
1 BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.....	10
2 AVALIAÇÃO: CONCEITOS E CONCEPÇÕES DA PRÁTICA PEDAGÓGICA.....	15
2.1 Funções da avaliação.....	17
3 METODOLOGIA.....	19
3.1 Sujeitos.....	19
3.2 Instrumentos na coleta de dados.....	19
3.3 Procedimentos.....	20
4 A AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: RESULTADOS.....	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
REFERÊNCIAS.....	25
APÊNDICES.....	26

INTRODUÇÃO

Em todo momento de nossa vida, estamos avaliando e sendo constantemente avaliados por aqueles que interagem conosco, mesmo que não o percebemos. Nesse sentido, a avaliação não se restringe somente ao julgamento sobre o fracasso ou sucesso, ela é vista como um processo cuja finalidade é verificar o ritmo de aprendizagem dos alunos e constatar se realmente a avaliação empregada na sala de aula atende as suas necessidades.

Por meio da avaliação, pode-se conhecer o quanto o aluno se aproxima ou não da aprendizagem, pois ela subsidia o professor em elementos que provocam uma reflexão contínua sobre a sua prática pedagógica. Segundo Piletti (1997, p.190).

A avaliação é um processo contínuo que visa interpretar os conhecimentos e atitudes dos alunos, tendo em vista mudanças esperadas no comportamento, propostas nos objetivos, a fim de que haja condições de decidir sobre alternativas do planejamento do trabalho do professor e da escola como um todo.

Com essa concepção, é importante que os professores estudem mais sobre o processo avaliativo aonde este venha ajudar o educando e não o prejudicá-lo. Ao analisar o processo de ensino e aprendizagem observa-se que ele serve como um instrumento de averiguação dos alunos é ao mesmo tempo subsidia o professor em elementos, que provocam uma reflexão contínua sobre a sua prática pedagógica e se a mesma leva em considerações as diferenças dos alunos especialmente da Educação de Jovens e Adultos (EJA), visto que na sua grande maioria são trabalhadores em busca de um ensino que favoreça na sua profissionalização.

A avaliação é considerada uma das questões mais complicadas para os educadores, onde ela tem sido tema de muitas reflexões por parte dos especialistas nos últimos anos, onde novos conceitos foram sendo construídas e novas práticas se desenvolveram, mesmo assim continua sendo fundamental um maior aprofundamento em relação à avaliação. Pois, ela nos implica uma série de questões como: rever conceitos, fazer escolhas e o mais importantes: O que avaliar? Como avaliar? Entre outras que nos levam a uma profunda reflexão sobre esse assunto.

Dessa forma, o tema abordado discute que a avaliação em última análise, rompe com as amarras com que já está estabelecida e discutir, refletir sobre a concepção de mundo de sociedade em que se acredita e busca.

1. BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Mediante os estudos feitos na EJA, podemos afirmar que esse programa veio justamente como benefício a um grande número de pessoas de ambas as idades e sexo. Alfabetizar é construir conhecimentos levando-as a torna-se cidadão em uma sociedade igualitária, onde todos têm oportunidades de se desenvolver e crescer.

Faz-se necessário encontrar meios para que se consiga viabilizar o acesso à escrita e a utilização de todos os mecanismos disponíveis para que todas as informações resultem em aprendizagem para jovens e adultos. Entende-se também que não há um determinado tempo para que possa alfabetizar alguém como também para aprender porque é no cotidiano e decorrer da vida que vai aprendendo.

Nesse sentido, é bom lembrarmos que a partir de 1940, começou-se a detectar altos índices de analfabetismo no país, o que acarretou a decisão do governo no sentido de criar um fundo destinado à alfabetização da população adulta analfabeta. Em 1945, com o final da ditadura militar, iniciou-se um movimento de fortalecimento dos princípios democráticos no país. Com a criação da UNESCO (Organização Unidas para Educação, Ciência e Cultura), ocorreu então, por parte deste a solicitação aos países integrantes e entre eles o Brasil, de se educar os adultos analfabetos. Devido a isso, em 1947, o governo lançou a primeira campanha de educação de adultos, propondo alfabetização dos adultos do país em três meses, oferecendo um curso primário em duas etapas de sete meses, a capacitação profissional e o desenvolvimento comunitário.

Foi nessa época que o analfabetismo foi visto como causa e não como efeito do escasso desenvolvimento econômico brasileiro. Além disso, os adultos analfabetos eram identificados como um ser incapaz e marginal e não podia exercer a sua cidadania através do voto. Assim, muitas críticas foram feitas a essas campanhas, como as precárias condições de funcionamento das aulas, a baixa frequência e aproveitamento dos alunos, a má remuneração e desqualificação dos professores, a inadequação ao programa e do material didático.

Contudo, foi debatido de várias formas como fazer para que os adultos pudessem ser alfabetizados. Com o resultado da I Campanha, portanto, Soares (1996), aponta a criação de uma estrutura mínima de atendimento, apesar da não valorização do

magistério. No final da década de 50 e início de 60, teve início então a uma intensa mobilização da sociedade civil em torno das reformas de base, foram criadas obras, artigos, livros tudo com a finalidade de resolver o problema do analfabetismo, através de maior ampliação da rede de ensino elementar e também solicitavam medidas de efeitos em curto prazo enfatizando a necessidade de programas especiais para adultos.

Uma nova visão sobre o problema do analfabetismo foi surgindo junto à consolidação de uma nova pedagogia de alfabetização de adultos, que tinha como referência Paulo Freire. As ideias de Freire se expandiram no país e este foi reconhecido nacionalmente pelo seu trabalho, com o golpe militar deu-se uma ruptura nesse trabalho proposto por Freire, então ele passou a ser visto como uma ameaça à ordem.

Com o passar dos anos foram surgindo programas, tudo a favor de uma educação de qualidade também para os adultos. Até 1968, havia aqui e ali pequenos grupos isolados com a participação de estudantes universitários em sequência alguns técnicos brasileiros reuniram-se em seminário na SUDENE para opinar sobre as diretrizes da educação dos adultos na região. A partir dos anos 70, surge o MOBREAL (Movimento brasileiro de alfabetização), o qual foi concebido como um sistema que visava o controle da alfabetização da população principalmente rural. Com a redemocratização (1985), a “Nova República” extinguiu o MOBREAL e criou a FUNDAÇÃO EDUCAR. Sendo assim, a educação de adultos foi enterrada pela nova república.

No ano de 1989, foi criada a comissão nacional de alfabetização, onde com o fechamento da Fundação Educar, em 1990, o Governo Federal ausenta-se desse cenário educacional, havendo um esvaziamento constatado pela inexistência de um órgão ou setor do ministério da educação, voltado para esse tipo de modalidade de ensino. Nos anos 90, o desafio da EJA, passou a ser o estabelecimento de uma política e de metodologias criativas, com a universalização do ensino fundamental de qualidade, dessa mobilização nacional foram organizados fóruns estaduais de EJA, que vêm se expandindo em todo o país, estando presentes em todos os Estados brasileiros com exceção de Roraima, isso se deu devido à mobilização da V CONFITEA, realizada em Hamburgo na Alemanha, onde tinha o objetivo de manifestar a importância da aprendizagem de adultos e conceber os objetivos mundiais numa perspectiva de aprendizagem ao longo da vida, bem como o processo de educação formal e não formal.

Nesse contexto, a EJA passa a se constituir em um dos principais meios para o enfrentamento dos problemas do século, pois a capacitação de pessoas jovens e adultas é essencial à vida cotidiana. Sabe-se que a educação é o instrumento que vai permitir as pessoas buscarem uma melhoria de vida, capacitando-se para competir no mercado de trabalho bem como reconhecer seus direitos.

É nesse sentido, que podemos afirmar que com a globalização e as mudanças no mundo do trabalho, precisa-se repensar cada vez mais, aprofundando-se em pesquisas e buscando cada vez melhor novas metodologias, onde encontre incentivo e ajude para que muitos jovens e adultos busquem cada vez mais participar desse programa para melhor crescer e se desenvolver pessoalmente no mercado, pois também cabe a sociedade contribuir com a EJA não discriminando essa modalidade e sim falar da importância da educação para um adulto analfabeto da EJA.

Nos últimos anos principalmente na década de 1950, no Brasil surgem vários trabalhos de educação direcionados aos sujeitos com baixa ou nenhuma escolaridade. Muitos movimentos em prol da educação de jovens e adultos tiveram destaques devido as suas idealizações e objetivos. No entanto, não ocorreu de acordo com o esperado alguns desses movimentos e programas como o Mobral, alfabetização solidária, escola do rádio permaneceu por algum tempo, mas não atenderam as expectativas do seu público e logo se desfez. Interessa-nos saber que, fica claro a necessidade de se pensar o atendimento educacional e as condições de oferta como um todo (Ribeiro, p.39).

Pensar a educação dos sujeitos da EJA num cenário de mudança é um desafio que se deve ser encarado com determinação e expectativas, pois o professor por sua vez é o grande mediador desse percurso, o poder de transformação de uma sociedade está em suas mãos. A busca constante interação entre o objeto a ser conhecido e o sujeito que conhece vai definir o conhecimento, portanto, há uma imensa lacuna no palco da educação de jovens e adultos os problemas e necessidades da mesma é uma realidade hoje que já faz parte da história da educação do Brasil há décadas.

Numa sociedade onde as desigualdades existentes são tão vastas que pensar uma educação de transformação nos faz questionar e muitas vezes desanimar, mas como pensar numa educação de mudança com desânimo? O jovem e o adulto a partir do momento em que resolve dar continuidade nos seus estudos podem mudar sua história. Como nos lembra do professor Paulo Freire (1987, p.29).

A história se faz na medida em que faz o possível de hoje e se ousa possibilitar hoje o impossível de hoje. Só na medida em que eu ousou viabilizar hoje o impossível de hoje eu sou capaz de viabilizá-lo amanhã.

Partindo de uma expectativa de mudanças a partir do reconhecimento e valorização de sua identidade levando em consideração seus valores, suas crenças, cultura e raça, pois a educação se faz na busca de completar as necessidades do homem a fim de proporcionar habilidades em suas atividades diárias. Desse modo, o sujeito vem a ser o resultado de uma educação vivenciada e apreendida durante todo o seu processo de aprendizagem como também o resultado das múltiplas experiências grupais.

O homem, como um ser inserido numa temporalidade histórica e cultural que o faz ser inacabado, é um sujeito capaz de produzir e transformar o mundo pela sua capacidade que lhe permite pela ação, pelo trabalho, como uma dimensão criadora de transformar a natureza e a si mesmo, pois através dessa dimensão transformadora o homem se torna um ser criativo e rigoroso que pressupõe esforço planejamento e vontade que garantem o melhor resultado desta ação definindo suas finalidades as quais serão capazes de promoverem a compreensão do seu ser e de estar no mundo e compreender a sua natureza e capacidade de ser transformador e produto de cultura.

Diante disso, Paulo Freire vai buscar as explicações para as interdições sobre o comportamento, sobre a sua consciência de ser e estar no mundo na análise da formação da sociedade brasileira. Uma sociedade que segundo ele, é baseada numa.

(...) economia (...) comandada por um mercado externo. Exportadora de materiais-prima. Crescendo para fora. Predatória. Sociedade fresca na sua economia. Reflexa na sua cultura. Por isso alienada. Objeto e não sujeitos de si mesmos. Sem povo. Antidualogal, dificultando a mobilidade social ascendente. Sem vida urbana ou com precária vida urbana. Com alarmantes índices de analfabetismo (...). Atrasada comandada por uma elite superposta a seu mundo, ao invés de com ela integrada (...) (FREIRE, 1969, p.49).

Percebemos que essa é a nossa realidade onde o sujeito da EJA são jovens que nos revela uma condição marcada por profundas desigualdades sociais. Onde as práticas escolares não dão conta desses espaços educacionais como também as políticas para jovens e adultos não tem conseguido resolver esses problemas. Entendemos que é

essencial aos educadores da EJA que desenvolvam uma relação entre conteúdo e o seu cotidiano, tornando-se mais significativo para a sua identidade.

Ressaltamos também que os sujeitos da EJA necessitam de mais apoio pedagógico para que seu ritmo e modo de aprender os conteúdos sejam respeitados e assim possam garantir a sua própria identidade, enquanto sujeitos. Nessa expectativa, o educando da EJA, seja jovem ou adulto, é capaz de transformar sua realidade e ser sujeito construtor e inovador de sua própria história. A partir do momento em que consciência, força de vontade, oportunidades abrem caminhos para incluir de maneira participativa esses alunos na sociedade, buscando desenvolver seus conhecimentos (valores culturais e individuais) que cada um traz consigo. Dessa forma, podemos pensar numa educação voltada para todos, envolvendo a comunidade.

2. AVALIAÇÃO: CONCEITOS E CONCEPÇÕES DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

A avaliação ela vem sendo discutida há bastante tempo por alguns estudiosos, Luckesi, (1998) Hoffmam (1995), principalmente aqueles profissionais que estão inseridos na educação, que buscam a todo o momento um novo conceito. Desse modo, podemos dizer que a avaliação é processo contínuo que busca a cada momento o aprendizado do aluno.

É nessa busca, que muitas vezes, somos levados à classificação dos alunos em excelentes, bons, ruins ou péssimos, são práticas claramente amparadas nas orientações psicossomáticas que, infelizmente, continuam sendo empregadas até hoje. Podemos perceber que, na prática escolar, decorrente dessa concepção, o ato de avaliar de modo geral, permanece centrado na busca de informações qualitativo e preciso, por meio dos quais, são atribuídas classificações aos alunos, ou tomadas decisões sobre suas potências, conhecimentos e possibilidades de continuar aprendendo ou não.

Sempre no final de uma etapa, ou de uma fase de ensino, na qual se espera que o alunado tenha concluído aprendizagem, são realizadas provas escritas, geralmente individuais, que busquem cobrir todo o conteúdo dado pelo professor naquele bimestre, ou unidade, isso mostra que aprendizagem traduz-se, apenas pela nota ou conceitos e não pelo desenvolvimento do aluno e o que ele conseguiu assimilar durante aquele período, em grande parte, a avaliação corresponde somente à prática para controlar o mesmo. Além de classificatória e fortemente seletiva, ela expõe uma cisão entre ensino e aprendizagem, uma vez que a mesma pode legitimar a verificação do conhecimento que é transmitido, mas não pode constituir-se como instrumento que permite saber a real situação do aluno relacionada à aprendizagem.

Para Silva (2003), avaliar exige antes que se defina aonde se quer chegar, e se estabeleça os critérios, para em seguida escolher os procedimentos. Pois a avaliação inicial ajudará o educador a por em prática seu planejamento de forma adequada com as características apresentadas por seus alunos.

É a partir desse momento que ele se informará sobre o que os educandos já sabem sobre determinados assuntos, para que daí possa estruturar sua programação de acordo com o nível de profundidade em que deve ser abordado o conteúdo. É fundamental que aconteça uma avaliação no início do ano, pois o fato do aluno estar iniciando uma série não constitui informação suficiente para que o professor fique ciente sobre as suas necessidades em relação à aprendizagem.

As avaliações não devem ser aplicadas apenas no início do ano, bimestre ou semestre, mas sempre que o professor propuser novos conteúdos e sequências didáticas. Pois não devemos ter uma visão equivocada com relação à dicotomia – quantidade x qualidade. Como afirmou Romão (1998, p.66):

Equívoco pretender confronto entre quantidade e qualidade, pela simples razão de que ambas as dimensões fazem parte da realidade da vida. Não são coisas estanques, mas facetas do mesmo todo. Por mais que possamos admitir qualidade como algo ‘mas’ e ‘melhor’ que quantidade, no fundo, uma jamais substitui a outra, embora seja sempre possível uma a outra.

Desse modo, tal fato nos explica que avaliar não a quantidade ou qualidade e sim os conhecimentos adquiridos. É certo que, a avaliação não implica somente na instauração de um longo período diagnóstico, no qual o professor pouco avança no seu processo de ensino aprendizagem, visto que, os alunos colocam em jogo os seus conhecimentos de mundo ao enfrentar qualquer situação didática.

Nesse momento, percebemos que a avaliação é responsável por fazer com que o aluno perceba a importância do aprender, pois nessa perspectiva a sala de aula deve tornar - se o espaço privilegiado do conhecimento, em que a escola e os saberes que vincula devem estar a serviço da formação e da realização dos projetos pessoais do aprendiz, espera – se com isso, que o processo avaliativo desvele ao aluno o que ele aprende como aprende e para que aprenda e tenha confiança em sua forma de pensar, analisar e enfrentar diversas situações que surgem durante o desenvolvimento da aprendizagem.

A avaliação exige da escola, e principalmente do professor, que por suas mãos passam seres humanos por formação, com seus desejos e sonhos que precisam ao longo do tempo ser transformados e realizados. Certamente, não cabe só a escola a realização de tais

sonhos, mas sem dúvida a ela como uma instituição educacional que pode incentivar ou impedir que eles desistam de seus ideais.

Portanto, a avaliação significa para todos os envolvidos, isto é escola e professores e alunos um processo vivo e muito intenso pelo qual, todos tomam consciência de suas responsabilidades, suas diferenças na qual busca em todo momento autonomia para compreender o mundo no qual estamos inseridos. Funções da avaliação

2.1 Funções da avaliação

Ao ingressar na escola a criança, os jovens e adultos necessitam ser bem acolhidos, mais para isso, o professor precisa compreender que esse espaço social que é a escola, está em processo de construção da sua identidade e da sua autonomia, por isso aprender sobre os outros, o mundo que a cerca e sobre se mesma, buscando uma compreensão melhor daquilo que está à sua volta. Nesse propósito, procuraremos discutir aqui as funções da avaliação, as quais buscam meio de diagnosticar e de verificar em que medida os objetivos propósitos para o processo ensino–aprendizagem esta sendo atingido.

No entanto são elas que fornecem subsídios para que os responsáveis pelo desenvolvimento de ações educativas possam tomar decisões que ajudem e permitam o aperfeiçoamento de condições de ensino, facilitando o processo de aprendizagem do indivíduo. De acordo com o foco privilegiado e da abrangência das ações educativas, cabe ao professor atender a articular avaliações do rendimento escolar, compreendendo que, mesmo os objetivos, os métodos e os procedimentos dessa dimensão, podem subsidiar decisões em sala de aula que conduz a melhoria da prática educativa.

Segundo Haydt (2002, p.19) a avaliação segue três funções, são elas:

- Diagnosticar_ Verificar a presença ou ausência de pré-requisitos para novas aprendizagens e detectar dificuldades específicas de aprendizagem tentando identificar suas causas.

- Controlar - Contentar se os objetivos estabelecidos foram alcançados pelos alunos e fornecer dados para aperfeiçoar o processo ensino-aprendizagem.
- Classificar - Classificar os resultados de aprendizagem alcançados pelos alunos, de acordo com níveis de aproveitamento estabelecidos.

Essas funções definem as suas especificidades e na maioria das vezes fazem o papel de alcançar metas e não de realmente avaliar o nosso aluno. Sabemos que avaliar tem o papel definido na escola e na Concepção de Luckesi (2010, p.93):

O ato de avaliar implica coleta, análise e síntese dos dados que configuram o objetivo da avaliação, acrescido de uma atribuição de valor ou qualidade que se processa a partir da comparação. Configuração do objetivo avaliado com um determinado padrão de qualidade previamente estabelecido para aquele tipo de objetivo. O valor ou qualidade atribuído ao objetivo conduzem a uma tomada de posição a seu favor ou contra ele.

Com base nesta afirmação, é de fundamental importância que ao planejar cada situação didática o educador faça toda essa coleta de dados, pois só assim saberá fazer uma reflexão sobre o seu grupo e seus alunos, levando em consideração o desenvolvimento de acordo com a faixa etária, como também completar as características individuais e culturais.

3. METODOLOGIA

A presente pesquisa nos permitiu a realizar uma análise qualitativa dos dados mais precisamente sobre as práticas avaliativas. Como nos afirma Oliveira (2007, p.37).

Entre os mais diversos significados, conceituamos abordagem qualitativa ou pesquisa qualitativa como sendo um processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico e / ou segundo a sua estruturação.

Pois, é através da pesquisa que podemos obter informações, opiniões sobre a prática avaliativa no ensino fundamental na modalidade de jovens e adultos.

3.1 Sujeitos

Participaram da nossa pesquisa 25 alunos da EJA.

3.2 Instrumentos na coleta de dados

Esta pesquisa foi desenvolvida através de uma observação direta em sala de aula e indireta, usamos alguns instrumentos metodológicos, tais como: questionários e observação, sendo questões objetivas a qual trata da percepção dos alunos sobre as avaliações que está sendo empregadas com eles.

A referida pesquisa foi feita no período de 15 a 25 de abril de 2012, envolvendo alunos com uma faixa etária entre 18 a 40 anos. Nela, podemos observar as opiniões e expectativas obtidas pelos entrevistados com relação à prática avaliativa. Como nos diz Frigotto (1998, p. 147) “Na economia globalizada, em um mundo de energias não renováveis, o conhecimento é o principal recurso e estaria ao alcance de todos através da educação”. Porém, continuando, indaga “como implementar uma política de qualificação se o horizonte de nossa juventude é o desemprego”?

Nesse sentido, os alunos da EJA buscam a todo o momento o conhecimento, e a autonomia para sobreviver nesta sociedade globalizada.

3.3 Procedimentos

No primeiro momento, por meio da observação na “Escola Leonor Ramalho,” foi utilizada para a colheita de dados uma observação direta em sala de aula para acompanhar de perto o desempenho dos alunos. No segundo momento, a realização de questionário com a prática em sala de aula o qual nos permitiu fazer um diagnostica e uma análise mais precisa do tema abordado. Ao aplicar o questionário, primeiramente fiz um esclarecimento sobre a pesquisa, dessa forma foi feito uma explanação onde os alunos participaram com um dialogo crítico em virtude da pesquisa. Desse modo, a metodologia trabalhada serviu como uma coleta de informação sobre a prática avaliativa.

4. A AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: RESULTADOS

Evidentemente, é de fundamental importância para o educador analisar rigorosamente o nível de competência e habilidades que estão sendo alcançados. Mas, reforçar apenas esses aspectos da avaliação do rendimento escolar pode levar a desenvolver uma prática que não considera a sua possibilidade formadora, isto significa uma prática fragmentada que reduz e estreita o olhar do professor sobre a pessoa do aluno que está formando.

No caso da Educação de Jovens e Adultos, o problema não é menor, pelo contrário, devido a sua especificidade e à sua história os educadores sentem muitas dificuldades em trabalhar com ambos. Pois, ao se tratar de alunos que na sua grande maioria trabalha 8h por dia e só consegue se dedicar aos estudos na sala de aula mostra o esforço que os mesmos fazem para conciliar os estudos e o trabalho.

Sabemos que os jovens e os adultos ao chegarem à EJA se sentem desmotivados e até são marginalizados por estarem afastados há muito tempo ou por condições de exclusão social, política e econômica. É a partir daí que o professor deve buscar na prática elementos para atuar mediante as dificuldades, considerando que tais fatores possuem uma grande importância no nível de aprendizagem dos alunos, desenvolvendo atividades que esclareçam na melhoria da aprendizagem dos mesmos.

A presente pesquisa é constituída por 25 alunos, sendo 14 do sexo feminino e 11 masculinos, com uma faixa etária entre 18 a 40 anos. Com base nesses dados foram aplicadas algumas questões relacionadas com a avaliação.

Tabela 1. Carga horária dos alunos.

Carga horária	Nº absoluto
8 horas	12
6 horas	06

4 horas	04
0 hora	03
Total	25

Fonte: Pesquisa da autora

Desse modo, analisamos que a maioria dos alunos trabalham 8 horas por dia não encontrando outro horário para o estudo, isso demonstra o esforço que os mesmo fazem para conciliar o trabalho com o estudo. É nesse momento que percebemos que a Educação de Jovens e Adultos propicia um ensino direcionado a esse público.

Tabela 2. A importância da valorização dos estudos.

Para que você estuda?	Nº absoluto
Passar de ano	01
Para ter um certificado	03
Para melhorar a profissão	04
Para ter um futuro melhor	17
Total	25

Fonte: Pesquisa da autora

Nessa tabela, verificamos que a maioria dos alunos estuda para poder ter um futuro melhor. Portanto, os alunos estão preocupados em adquirir conhecimentos para a vida, pois em um mundo globalizado, onde o mercado está em constante mutação, se preocuparem em conhecimentos só para a profissão pode não ser uma boa alternativa. É nesse sentido, que ressaltamos a importância do educador em inovar os seus métodos na busca de novos conhecimentos para o aluno.

Tabela 3. A concepção dos alunos com relação a forma de avaliação.

Avaliação na concepção dos alunos	Nº absoluto
Considera adequada	12
Às vezes é adequada	06
Reprova as formas	07
Total	25

Fonte: Pesquisa da autora

No que se refere à avaliação, uma grande parcela dos alunos consideram que os educadores ao realizarem a avaliação detectam as dificuldades procuram saná-las usando novas metodologias. Portanto, é de suma importância que o educador coloque estes educandos como centro, para que eles sejam e sintam protagonistas da aprendizagem. Pois, quando o saber do educando é valorizado, este terá mais oportunidades de participar do processo educativo.

Tabela 4. Aproveitamento dos conteúdos.

Você lembra os conteúdos estudados depois da avaliação.	Nº absoluto
Muito	02
Alguns	20
Raramente	03
Total	25

Fonte: Pesquisa da autora

Com relação ao aproveitamento dos conteúdos, verificamos que a maioria não assimila com clareza. Diante disso, é fundamental que os educadores identifiquem as causas e desenvolva uma aprendizagem de forma integral, ou seja, que os capacite para estabelecer relações entre a realidade dos alunos, os conhecimentos aprendidos na escola e a sua vida em sociedade.

Tabela 5. Opinião dos alunos sobre a importância da nota.

Importância da nota	Nº absoluto
Classificar	08
Aprovar	14
Cumprir normas	03
Total	25

Fonte: Pesquisa da autora

Nesse resultado, pode-se observar que os alunos concebem a nota decisiva para definir sua aprovação e reprovação. Com essa visão, os alunos desvinculam a finalidade da avaliação da sua real função de promover o diagnóstico das dificuldades e, ao mesmo tempo, para que sirva como uma reflexão para o professor sobre sua atuação.

É importante ressaltarmos que o ato de avaliar não pode se restringir ao ato de atribuir notas, mas numa oportunidade do professor diagnosticar o que foi realizado, comparar com o “ideal” que se deseja e o que fazer para aproximar a sua forma de avaliar desse ideal proposto, tendo como meta a aprendizagem dos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término desta pesquisa, consideramos que o significado da avaliação em si, reflete os processos de aprendizagem alcançados pelos alunos modificando as diversas formas de medir os conhecimentos dos mesmos. Nesse sentido, o processo avaliativo é uma atividade sem fim, pois o término de uma etapa é necessariamente o início de outra.

Com o resultado da pesquisa, percebemos que a maioria dos professores da EJA trabalha diferente, levando sempre em consideração diversos fatores tais como: participação, interesse, pontualidade e frequência. Além disso, a avaliação é também um meio para verificar a aprendizagem dos alunos nos conteúdos ensinados.

Desse modo, vemos que a avaliação, possibilita o diagnóstico do ensino oferecido pelo docente como também, avalia a prática pedagógica do professor e seu próprio desempenho, levando-o a refletirem sobre seu papel, suas ações e instrumentos que utiliza no processo avaliativo em sala de aula.

Enfim, pudemos observar que avaliação é um processo contínuo, independente de notas ou conceito, tendo em vista que os conhecimentos adquiridos desde o início, jamais poderá ser medido por uma simples nota. Portanto, é fundamental uma reflexão sobre as avaliações, para que isso se torne significativo é necessário. Desde então propomos a construção do Projeto Pedagógico na Escola, pois, só assim serão definidas de forma coletiva e participativa as diretrizes da avaliação, desse modo não cometeram mais injustiças como o desenvolvimento do indivíduo no processo de ensino e aprendizagem.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa. São Paulo, Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1970.

GAUDÊNCIO, Frigotto. Educação e crise do trabalho, Perspectivas de final de século.

HAYDT, Regina Célia Cazaux. Avaliação do processo de ensino-aprendizagem. São Paulo: Ática, 2002.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da Aprendizagem Escolar: estudo e proposições/ 21. Ed. – São Paulo: Cortez, 2010.

OLIVEIRA, Maria Marly. Como fazer pesquisa qualitativa – Petrópolis, RJ: vozes, 2007.

PILETTI, Claudino. Didática Geral. 21 ed. São Paulo: Ática, 1997.

ROMÃO, José Eustáquio. Avaliação dialógica: desafios e perspectivas. São Paulo: Cortez, 1998.

SILVA, Maria Alice Setúbal Souza e ET AL. Raízes e Asas, Centro de pesquisa para Educação e Cultura. São Paulo, 2003

VALE Ana Maria do. Educação Popular na escola Pública/ Ana Maria do Vale. – 4. ed. São Paulo: Cortez. – (Coleção Questões da Nossa Época; v. 8)

APÊNDICES

QUESTIONÁRIO DO ALUNO

1 Quantas horas você trabalha diariamente?

2 Para que você estuda?

- Para melhorar a profissão
- Para passar de ano
- Para ter um certificado
- Para ter um futuro melhor

3 Pra você as avaliações em pregadas pelos professores são adequadas?

- Considero adequada
- Às vezes é adequadas
- Não é adequada

4 Você lembra dos conteúdos que estudou depois que faz as prova?

- Muito
- Alguns
- Raramente

5 O que você acha sobre as notas?

- Classificar
- Aprovar /Reprovar
- Cumprir normas

